

EDUCAÇÃO INFANTIL, INFÂNCIAS E CIDADE: DIÁLOGOS POSSÍVEIS ¹

A escola, historicamente, tem sido considerada um espaço privilegiado de produção e socialização do conhecimento, além de uma instituição importante na formação educativa. Se tal institucionalidade ampliou o reconhecimento público da educação à escola por meio de um conjunto de práticas, regras e papéis sociais, por seu turno, elegeu a escola como o lugar mais adequado (ou único) à presença das crianças na cidade, pospondo, assim, outras experiências que ocorrem nos extramuros escolar (DEBORTOLI, 2008). Os artefatos culturais e sociais que se encontram historicamente disponíveis na sociedade podem qualificar as responsabilidades públicas que a escola tem na formação das crianças.

Quando o conhecimento suscita o repensar do sentido das experiências que fazemos em sociedade, nos remetemos à cidade como um lugar atravessado por um conjunto de práticas, memórias, sociabilidades, prazeres e temores. Desse modo, a formação das crianças pode ser alargada se essa compreensão transcender os limites muitas vezes interpostos em nome de direitos, pela via de uma institucionalidade que se propõe equânime.

Cabe questionar, em que medida os acontecimentos da cidade interpelam a educação infantil a ampliar seu horizonte pedagógico a partir dos mundos de vida das crianças e a se resignificar enquanto instância educativa mediadora entre a criança e a cidade? As culturas infantis presentes no cotidiano das instituições de educação infantil não devem ser interpretadas no vazio social (SARMENTO; PINTO, 1997), elas precisam ser reconhecidas a partir das condições reais em que as crianças vivem, interagem e atribuem sentidos ao que fazem. Se as instituições educativas têm sido interpeladas, na contemporaneidade, pelos diferentes acontecimentos da cidade, é porque cidade e escola precisam estabelecer uma relação dialógica mais efetiva e contínua, tendo como perspectiva as crianças e suas infâncias que se fazem presentes nas diferentes tramas sociais.

Problematizar a cidade, suas infâncias e os processos formativos enredados no cotidiano da educação infantil é o que se propõe este texto, parte integrante de um estudo

¹Esta pesquisa conta com a Cooperação Técnica-Científica da Universidade do Minho (Portugal) com a participação do Prof. Manuel Jacinto Sarmiento, além dos pesquisadores colaboradores, Cristiano Meiga Belém e Andrize Ramires Costa (Pós-doutoranda PPGE/UFES).

etnográfico em andamento realizado com cinco crianças com idades de cinco anos, que residem em um raio de até 200m da instituição pública de educação que estudam e suas respectivas professoras. Duas crianças são moradoras do bairro Ilha da Caieiras, localizado no contexto urbano da cidade de Vitória/ES e as outras três crianças, residem em uma comunidade rural do município de Guarapari/ES. Investigar a dinâmica social que ocorre na relação entre as instituições de educação infantil, a cidade e suas infâncias torna-se uma prerrogativa importante, sobretudo se considerarmos as diferentes forças que tornam cada vez mais complexa a relação da cidade com a escola, tornando as crianças, muitas vezes reféns de uma realidade nem sempre convergente com o seu direito (ARAÚJO, 2017) a uma convivência comunitária e educativa aberta às diferentes manifestações das sociabilidades humanas.

Nossas primeiras andanças e observações

Ilha das Caieiras – Vitória/ES

A instituição de ensino é composta por três pavimentos e está situada às margens do rio Santa Maria da Vitória que corre ao encontro do mar formando o estuário da baía de Vitória, em uma rua estreita de mão única, tipicamente tranquila, mas que se reveste do movimento frenético típico da cidade, nos momentos de entrada e saída. Atende cerca de 410 crianças a partir dos seis meses de idade.

Luciana, uma das crianças da pesquisa, mora com sua mãe e os irmãos em uma casa de aluguel social disponibilizada pela prefeitura que fica em um beco. Diariamente, percorre o mesmo caminho a pé, na companhia de sua mãe até a instituição. Já Estela, mora no alto de uma ladeira que confere uma vista panorâmica para a baía. De lá é possível avistar o deck disposto em várias mesinhas dos pequenos restaurantes que tem recebido, cada vez mais, a presença de clientes nos finais de semana em busca da moqueca capixaba e do siri desfiado minuciosamente trabalhado pelas desfiadeiras. Estela vai caminhando em companhia da mãe que leva seu irmão no colo. Também ele frequenta a mesma instituição que a irmã. Como só vai de carro em dias de chuva, sua mãe lança mão do caminho mais curto. Passa por vielas escuras em um terreno bem acentuado. Pela sua estreiteza só dá lugar a uma pessoa passar por vez. Em dias de chuva, a passagem torna-se escorregadia e mais escura. Há duas opções de caminhos da casa de Estela até o CMEI.

Em um sábado de manhã nos encontramos em frente à instituição. Perguntamos as duas se conheciam algum lugar para irmos. Pensaram um pouco e rapidamente nos responderam: "Na Ilha!", nome dado à parte mais larga da Ilha das Caieiras ambientada em frente ao deck principal. Do trajeto cheio de pequenas ruas, avistamos um parquinho com uma criança ao balanço. Perguntamos onde gostariam de desenhar e elas escolheram uma estrutura de cimento que serve de base para sustentação do poste de luz. Ali, nos acomodamos! Luciana preferiu retratar informações do lugar onde estava, nem sempre coincidentes com o lugar onde estávamos. Estela, embora dissesse não saber desenhar, trouxe detalhes sobre o seu trajeto sob o formato de linhas. Aproveitando o fato dela relatar seu conhecimento sobre outras casas e lugares que conhecia no bairro, indagamos: O que você aprende na escola? Ela responde: "Ler e escrever". E na cidade, nas ruas? "Muita, muita, muita coisa!". Perguntamos: O que, por exemplo? E ela nos relata: "Um dia, quando eu ia de carro com o meu pai, eu perguntei pra ele por que algumas luzinhas eram coloridas e ele disse que o verde era pro carro podê passá e o vermelho pra andá". Daí eu aprendi!

Iguape – Guarapari/ES

A escola está localizada no contexto rural do município de Guarapari, cortado pela BR 101, que contrasta seu intenso fluxo com as estradas calçadas, ladeadas por pastos e envolvidas no ar bucólico peculiar à região. A instituição é pequena, possui dois pavimentos e apenas duas salas de aula, que atendem as 48 crianças matriculadas da Educação Infantil ao 5º ano do Ensino Fundamental, em classes multisseriadas.

A rua da escola parece acostumada, mergulhada em um profundo silêncio rompido por raros momentos, como as entradas e saídas das crianças. Percebemos a predominância da figura materna, desempenhando a função de levar e buscar as crianças. O passo mais apertado que reparamos no horário da entrada, dificilmente se repete no momento da saída. Raramente os pais deixam ou buscam as crianças em transportes particulares, haja vista a proximidade de suas residências e por muitos não possuírem veículos. O grande número de crianças que utilizam o transporte escolar indica que a maioria das crianças não mora próximo à escola. Após os momentos de entradas e saídas das crianças, a rua parece adormecer novamente, instaura-se um íntimo silêncio da natureza e a escola talvez seja a única ali acordada. Parece-nos que são as crianças em seus trânsitos,

acompanhadas de seus pares e adultos que despertam a escola e a rua.

Messias, Frederick e Edmilson foram convidados a participar da pesquisa, por serem as crianças que moram mais próximo à escola. Messias é o mais novo dos três, mora com seus pais e seu irmão em um sítio cercado por muros altos, onde seus pais trabalham como caseiros. Frederick, mais conhecido como Fred, mora com sua mãe, sua irmã e seu cachorro chamado Pulguinha. Sua casa não possui muros, o que nos permite mirar diversas árvores frutíferas e a variada horta que era de seu pai. Edmilson mora com seus pais e sua irmã, num quintal amplo e aberto que abriga outras casas que parecem pertencer aos seus parentes. Acompanhamos as crianças em seus trajetos da casa até a escola, bem como seu retorno e percebemos que apesar de morarem muito próximos, os seus trajetos se diferenciam, tendo em vista que há dois caminhos possíveis. A maneira como as crianças vão e retornam da escola, bem como o trajeto que escolhem, revelam distintas experiências e impressões que elas estabelecem com e sobre as ruas.

Considerações Finais

O modo como as crianças de nossa pesquisa ora se distanciam, ora se aproximam das ruas de seu bairro tem a ver com o modo como elas e suas famílias encaram um cotidiano, constituído como um território plural de necessidades, informações, entretenimentos e representações. Novas sociabilidades vão se constituindo como um canal aberto a outras formas de aprendizagem, interações e constrangimentos. As crianças nos ensinam outras formas de transver a cidade, as ruas, o bairro onde moram, denotando assim, uma compreensão a partir de seus mundos sociais de vida. Talvez esteja aí um dos maiores desafios lançados por meio de nossa pesquisa, pois os diferentes modos de vida das crianças podem muito bem nos ajudar a compreender os devaneios da infância na cidade e tomá-los como uma referência importante às práticas educativas.

Referências

ARAÚJO, V. C.; CARVALHO, J. S. F. As possibilidades de uma experiência compartilhada entre adultos e crianças na cidade. **Revista Pro-posições**. Campinas: UNICAMP, 2017. v. 28. supl. 1, p. 111-131.

DEBORTOLI, J. A. O. Imagens contraditórias da infância: crianças e adultos na

construção de uma cultura pública coletiva. In: DEBORTOLI, J. A. O; MARTINS, M. F. A.; MARTINS, S. (Org.). **Infâncias na metrópole**. Belo Horizonte: UFMG, 2008. p. 71-86.

SARMENTO, M. J.; PINTO, M. As crianças e a infância: definindo conceitos, delimitando o campo. In: PINTO, M.; SARMENTO, M. J. **As crianças**: contextos e identidades. Braga: Centro de Estudos da Criança/UM, 1997. p. 9-30.